

**DISCURSO DE TIETA: ANÁLISE CRÍTICO-DISCURSIVA  
DE UMA CENA DA NOVELA TIETA PARA O ENSINO  
DE LÍNGUA PORTUGUESA**

*Juliano Dumani (UVA)*

[juliano.dumani.medeiros@gmail.com](mailto:juliano.dumani.medeiros@gmail.com)

*Cláudia Cristina Mendes Giesel (UVA)*

[claudia.giesel@uva.br](mailto:claudia.giesel@uva.br)

**RESUMO**

Entre 1989 e 1990, a TV Globo produziu e transmitiu a novela “Tieta”, com texto de Aguinaldo Silva, Ricardo Linhares e Ana Maria Moretzsohn, uma adaptação do livro “Tieta do Agreste”, de Jorge Amado, publicado em 1977. Com o objetivo de demonstrar a aplicação da Análise de Discurso Crítica em sala de aula, propõe-se analisar uma cena desta novela, abordando os discursos presentes relacionados à religião, ao gênero e à sexualidade. Para o desenvolvimento deste trabalho, o referencial teórico tem como principais autores: Batista Junior, Sato e Melo (2018); Fairclough (2016); Lins, Machado e Escoura (2016); Silva (2000); Motter (2001); Maia (2009); Gentile (2006). Por meio da análise, busca-se apontar os discursos hegemônicos, ideológicos e as relações de poder em torno dos temas abordados e apresentar uma abordagem pedagógica de intervenção. A fim de cumprir tais objetivos, necessitou-se compreender a análise de discurso crítica como metodologia; apontar a importância da novela como objeto de análise; discutir como a cena de uma novela pode retratar a realidade da sociedade; destacar os processos históricos e sociais por trás das falas dos personagens Tieta e Ricardo e, por fim, propor uma prática pedagógica na sala de aula de língua portuguesa.

**Palavras-chave:**

Novela. Tieta. Análise de Discurso Crítica.

**ABSTRACT**

Between 1989 and 1990, TV Globo produced and broadcast the telenovela “Tieta”, with text by Aguinaldo Silva, Ricardo Linhares and Ana Maria Moretzsohn, an adaptation of the book “Tieta do Agreste”, by Jorge Amado, published in 1977. Application of Critical Discourse Analysis in the classroom, it is proposed to analyze a scene from this soap opera, approaching the present discourses related to religion, gender and sexuality. For the development of this work, the theoretical framework has as main authors: Batista Junior, Sato and Melo (2018); Fairclough (2016); Lins, Machado and Escoura (2016); Silva (2000); Motter (2001); Maia (2009); Gentile (2006). Through the analysis, we seek to point out the hegemonic and ideological discourses and the power relations around the approached themes and present a pedagogical intervention approach. In order to fulfill these objectives, it was necessary to understand critical discourse analysis as a methodology; point out the importance of the novel as an object of analysis; discuss how the scene of a soap opera can portray the reality of society; highlight the historical and social processes behind the speeches

of the characters Tieta and Ricardo and, finally, to propose a pedagogical practice in the Portuguese language classroom.

**Keywords:**

**Novel. Tieta. Critical Discourse Analysis.**

## **1. Introdução**

A sociedade está organizada e dividida por um sistema de identidades e diferenças, distinguindo cada grupo social. Sendo que as duas coexistem, pois a partir do estabelecimento de uma identidade, logo surgem as diferenças, como “a declaração de identidade ‘sou brasileiro’, ou seja, a identidade brasileira, carrega, contém em si mesma, o traço do outro, da diferença – ‘não sou italiano’, ‘não sou chinês’ etc.” (SILVA, 2000, p. 79). Contudo, neste processo tende-se ao surgimento destas oposições binárias, que não expressam uma simples divisão do mundo em duas classes simétricas, mas tende para um ser “sempre privilegiado, recebendo um valor positivo, enquanto o outro recebe uma carga negativa” (SILVA, 2000, p.83). Entre estas oposições binárias, pode-se citar a relação entre Nós e Outros.

Nela, existe uma relação de poder, uma disputa de privilégios, no qual o privilegiado perpetua o seu poder por meio de seu discurso identitário e ideológico, de interesse da classe hegemônica, e alcança uma suposta maioria que se vê representada nele, ao ponto de até alcançar a normalização: “eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas” (SILVA, 2000, p. 83). Logo, este discurso permite que as pessoas sejam posicionadas em papéis sociais e façam-nas consentir com este arranjo social. Entretanto, não se pode afirmar que “o discurso é poder”, pois o poder simplesmente opera através do discurso (BATISTA JÚNIOR; SATO; MELO, 2018, p. 11).

Mesmo o poder agindo de forma implícita nos arranjos sociais, ludibriando a população, levando-a a consentir com tais práticas de dominação, algumas marcas evidenciam a sua presença, como incluir/excluir, demarcar fronteiras, classificar e normalizar (Cf. SILVA, 2000). Esta espécie de poder e dominação é conhecida como hegemonia, a qual é definida como “liderança e dominação econômica, política, cultural e ideológica consensuais, mas relativamente instáveis”, segundo Fairclough (1992/2001 *apud* VIEIRA; MACEDO, 2018, p. 58).

Para Menezes (2008), as diversas maneiras de intolerância são resultadas de crenças e superstições presentes nas relações familiares e afetivas e nos valores disseminados na sociedade. Indo contra isso, a autora também afirma que o papel da escola é estimular o estudante a identificar tais atos em piadas, notícias, torcidas esportivas, filmes de ação e, inclusive, em novelas, discutindo suas origens sociais e históricas.

Logo, este artigo propõe-se a analisar uma cena da novela *Tieta*, por meio da Análise de Discurso Crítica, evidenciando os discursos hegemônicos, ideológicos e as relações de poder presentes na cena, com o intuito de identificá-los para se conscientizar e buscar intervenções contra esses tipos de discurso em prol de alguma desigualdade social. Vale mensurar que o foco desta análise é pedagógico; logo, o método de análise e a intervenção proposta são direcionados para o ensino e para a aprendizagem de língua portuguesa.

## **2. Análise de Discurso e Novelas**

A Análise de Discurso Crítica, de linha inglesa, desenvolvida por Norman Fairclough, concentra-se – a partir da compreensão da dinâmica entre discurso, ideologia e hegemonia – na “relação dialética entre discurso e sociedade”, interessada em “analisar as relações estruturais, transparentes ou veladas, de discriminação, de poder e de controle manifesta no discurso” (VIEIRA; MACEDO, 2018, p. 49). Segundo Fairclough,

[...] as ideologias são significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a re-produção ou a transformação das relações de dominação. (FAIRCLOUGH, 1992, p. 117)

Para trabalhar com a Análise de Discurso Crítica, precisa-se ter em mente o modelo tridimensional de análise de texto, proposto por Fairclough (2016), o qual se divide em três partes: análise textual, análise da prática discursiva e análise da prática social. Entretanto, com o decorrer do tempo, esse modelo passou por um processo de transformação até chegar no arcabouço teórico-metodológico de análise social, ou transdisciplinar, no qual:

[...] as dimensões de discurso e texto migram para dentro da análise social, e a análise é iniciada pelo social, investigando os elementos da análise textual em três níveis de abstração: eventos sociais (textos); práticas soci-

ais (ordens de discurso); estruturas sociais (linguagem). (VIEIRA; MACEDO, 2018, p. 67)

Tal análise, portanto, busca mapear “a relação entre o uso da linguagem e as relações de poder na sociedade” (VIEIRA; MACEDO, 2018, p. 65), considerando elementos como “atividade material, meios de produção, relações sociais, identidades sociais, valores, formas de consciência e semiose” (HARVEY, 1996 *apud* BESSA; BORGES SATO, 2018, p. 127), para determinar categorias adequadas de análise, a fim de conseguir “desvelar, a partir de aspectos semióticos, nuances da hegemonia” (BESSA; BORGES SATO, 2018, p. 126).

Sua metodologia, em suma, para Chouliaraki e Fairclough, segue os seguintes passos:

(a) percepção do problema (como relações de poder); (b) identificação de obstáculos (elementos das práticas sociais) para que o problema seja superado; (c) identificação da função do problema na prática; (d) indicação dos possíveis modos de ultrapassarmos os obstáculos; (e) reflexão sobre a análise. (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999 *apud* VIEIRA; MACEDO, 2018, p. 66)

Inclusive, como analista, é fundamental sempre estar ciente quanto ao aspecto crítico desta análise, pois, nas palavras de Bessa e Borges Sato (2018, p. 130), “a percepção de que o ‘sistema’ não é abstrato e de que é passível de mudança requer um olhar crítico”. Eventualmente, temas como desigualdade social, identidade, racismo, gênero, capitalismo e pobreza são abordados pelos estudos da análise de discurso crítica (VIEIRA; MACEDO, 2018, p.66), pois trata-se de problemas inseridos na estrutura social e presentes no discurso ideológico e hegemônico da classe dominante, reproduzido e normalizado no senso comum.

A intenção ao analisar o discurso inserido na cena, por meio desta análise crítico-discursiva, através das falas dos personagens, é compreender os discursos hegemônicos, ideológicos e as relações de poder presentes, e depois procurar intervenção contra desigualdades sociais ocasionadas por tais discursos, pois são os gêneros textuais que trazem as marcas de ação social, seja individual ou coletiva, e “os textos, em seus diferentes gêneros, que possibilitam as interações e as relações sociais, com suas crenças, seus valores, seus contextos, suas ideologias” (VIEIRA; MACEDO, 2018, p. 49).

A televisão, conforme Gentile (2006), é um meio de comunicação importante e controverso, pois a acusam de alienar e emburrecer os telespectadores, promovendo a violência e o consumismo. Não se pode ne-

gar a lógica do entretenimento e do mercado, influenciando na programação, ao ponto de definir qual gênero televisivo – seja novela, seriado, jornal, entre outros – permanece por mais tempo, por meio da audiência, que atrai patrocinadores. Contudo, deve ser desmistificado o discurso que rotula a televisão, de modo geral, como a raiz de todos os males, pois levá-la para a sala de aula implica em ensinar os alunos a vê-la com olhar crítico (GENTILE, 2006).

Dando ênfase às novelas, é válido compreender como elas superam a condição de apenas inserir ou abordar assuntos sobre a sociedade, ao refletir a realidade do país em suas representações e, através disto, trabalhar com um seguimento de duplo direcionamento entre ficção e realidade, apropriando-se do cotidiano e adotando a função de registro nacional (Cf. MOTTER, 2000-2001). Como as minisséries e seriados, as novelas contam histórias do cotidiano, abordando conflitos pessoais ou sociais comuns, retendo, assim, a atenção pela previsibilidade ou pelo humor, aproximando o público que se identifica com as situações e/ou personagens, fornecendo um rico material para discutir valores e comportamentos da época (Cf. GENTILE, 2006).

Desse modo, a cena escolhida foi separada como objeto de estudo para exemplificar o processo de *ADC*, por meio da observação da relação que existe entre a sociedade e a linguagem. Além disso, o trecho selecionado é capaz de evidenciar o papel importante da historicidade, por exemplo, ao tratar da censura – indiretamente, da ditadura militar –, e o do interdiscurso – demonstrando a perpetuação de discursos hegemônicos presentes em uma novela de 1989 até a atualidade –, no contexto da *ADC*. Fairclough argumenta que o interdiscurso é:

[...] a entidade estrutural que subjaz aos eventos-discursivos e não a formação individual ou o código: muitos eventos discursivos manifestam uma orientação para configurações de elementos do código e para seus limites, para que se possa considerar como regra o evento discursivo existente. (FAIRCLOUGH, 1992, p. 95)

Com isso, acredita-se que a utilização desta base teórico-metodológica de Fairclough para um trabalho de sala de aula pode contribuir significativamente para a formação de sujeitos capazes de questionar e fazer uma intervenção em discursos hegemônicos que afetam a sociedade.

### 3. *Novela Tieta como objeto de análise*

“Tieta” foi uma novela escrita por Aguinaldo Silva, produzida pela emissora de televisão Rede Globo e transmitida entre 1989 e 1990. Essa é uma adaptação do livro “Tieta do Agreste”, de Jorge Amado, publicado em 1977. A narrativa desta novela acontece em Santana do Agreste, no nordeste brasileiro, e é voltada para a personagem principal chamada Tieta. Após ter sido expulsa de casa pelo próprio pai, ao se sentir desonrado com o comportamento considerado licencioso e tendo sido influenciado pela Perpétua, irmã de Tieta, ela segue em direção a São Paulo, tendo convicção do conservadorismo do lugar onde nasceu e viveu. Tendo passado vinte e cinco anos, Tieta retorna rica e exuberante. Foi cortjada por todos, mas nota a persistente hipocrisia naquele povo. A partir disso, toda a narrativa dessa obra foca em Tieta questionando o comportamento hipócrita, voltado para aquilo que a própria população considerava como bom costume.

Conforme Benício (2016), a trama abordava fanatismo religioso, combate ao machismo e empoderamento feminino, prostituição de luxo, incesto, transexualidade e a modernização dos confins do Brasil. Por ter abordado tantos temas pertinentes, até para a atualidade, é possível citar um diálogo em específico de Tieta para ser objeto de análise, observando por meio da análise de discurso crítica as relações estruturais, transparentes ou veladas, de discriminação, de poder e de controle manifestas no discurso (Cf. VIEIRA; MACEDO, 2018).

No caso, a cena escolhida para a análise é a do episódio 111, com a primeira transmissão em 20 de dezembro de 1989. Trata-se da conversa entre Tieta e seu sobrinho Ricardo, os quais vivem um amor incestuoso. Os seus assuntos eram sobre a travesti Ninete, amiga de Tieta, escandalizara população de Santana do Agreste por ser alguém fora do que a maioria considera como “normal”. Nas palavras de Helder Maia:

Ninete é uma espécie de procuradora, ou melhor, uma espécie de faz tudo, conselheira amorosa, conselheira financeira, conselheira de etiqueta, ela resolve todos os problemas de Tieta, desde problemas na Bolsa de Valores até surras em inimigos da amiga. (MAIA, 2009)

Ao assistir a cena, é perceptível a oposição de ideias entre Ricardo e Tieta. Enquanto ele possui uma visão conservadora quanto à situação de Ninete, Tieta busca argumentos para demonstrar que não é certa a sua afirmação. Este debate é importante por possibilitar a reflexão sobre a questão do gênero e da sexualidade, embora o modo como os autores da novela tenham-no desenvolvido, segundo Helder Maia (2009), é dúbio,

carregado de estereótipos, ligando a imagem da travesti com a prostituição e não promovendo de fato um discurso de tolerância.

#### **4. O discurso de Ricardo**

A fala de Ricardo não se trata apenas de uma lógica individual. Não é apenas um pensamento de um indivíduo, mas trata-se de um discurso de massa – na novela, é da população de Santana do Agreste. Contudo, tal discurso é apenas um reflexo do pensamento hegemônico da sociedade, de modo geral, que se consente, naturaliza práticas hegemônicas, determina as relações de poder/dominação (Cf. VIEIRA; MACEDO, 2018) e sustenta os tais conflitos do nosso tempo que decorrem da articulação desigual e combinada dos três modos principais de desigualdade estrutural nas sociedades modernas: capitalismo, colonialismo e patriarcado, ou mais precisamente, hétero-patriarcado (Cf. SANTOS, 2019).

Tal sistema estrutural de dominação em três partes perpetua os discursos ideológicos, que estabelecem e sustentam relações de dominação, através, por exemplo, da *fragmentação* – separação de indivíduos e de grupos potencialmente ameaçadores ao grupo dominante –, da *unificação* – construção de identidades coletivas –, e da *legitimação* – relações de dominação representadas como legítimas –, podendo ser alcançados através da *universalização* – apresentação de interesses específicos como gerais –, que enxerga na mídia um forte potencial hegemônico, devido sua capacidade de alcance em massa, para propagar um interesse particular como se fosse da sociedade no geral (Cf. VIEIRA; MACEDO, 2018).

É possível fazer esta afirmação, pois é perceptível, mesmo que a cena desta novela tenha sido gravada em 1989, através da ótica do interdcurso, como tais falas de Ricardo continuam a serem reproduzidas até os dias de hoje, demonstrando o caráter estrutural deste pensamento na sociedade. Então, a partir do que já foi exposto, para dar início à análise deste diálogo, é válido retomar algumas falas de Ricardo, como as seguintes:

RICARDO: – Tieta, um homem é um homem. Uma mulher é uma mulher. Deus criou o sexo com um papel definido, uma função.

RICARDO: – Tieta, você é uma mulher, eu sou um homem. Tá no Evangelho: cresci e multipliquei-vos. (PADIGLIONE, 2017) (Texto adaptado)

Tais argumentos foram apresentados nos extremos da cena, ou seja, um no início e outro no final; porém ambos possuem um fator co-

mum: o uso da religião cristã como justificativa para reproduzir discursos discriminatórios, de exclusão. Segundo Vieira (2018), discursos como este partem do fundamentalismo cristão, que trabalha com a pressuposição da verdade absoluta revelada por uma escritura, gerando uma forma de intervenção no mundo e uma doutrina – código comportamental rígido não enxergado como construção histórica ou cultural por seus seguidores, mas sim como “vontade de Deus”, ou seja, inquestionável.

## 5. *O discurso de Tieta*

Em oposição ao discurso de Ricardo, observe como Tieta fala:

TIETA: – Com que direito que tu enche a boca de ar e fala nas leis de Deus? Que lei é essa? Onde é que está escrito? Me diga. Por acaso, Deus lhe passou procuração pra agir em nome dele?

TIETA: – Oxente, é a roupa que importa? É a aparência? Aos olhos de Deus é a aparência que importa ou é o caráter?

TIETA: – Oxente, quem não se encaixa nesse papel definido, nessa função, tu acha que a gente deve fazer o quê? Afogar no mar?

TIETA: – Que que é isso, “se corrigir”?

TIETA: – Mas cabrito, normal, me olhe, sinceramente e me diga: de perto alguém é normal?

TIETA: – Oxente, por que não?

TIETA: – Mas o que é que tu chama de padrão de comportamento? Ricardo, o que é que tu quer? Quer que todo mundo seja igual, que se comporte do mesmo jeito? Que siga as mesmas regras? Não. O ser humano não foi feito por decreto, ah, que isso? E eu lá sou máquina, por acaso? E a gente sai da fábrica tudo bonitinho, enfileiradinho, assim, um atrás do outro, tudo exatamente igual, é isso?

TIETA: – Mas diferente por que, Ricardo? A gente não pode julgar as pessoas desse jeito! Quem é tu pra julgar? Quem sou eu pra julgar os outros?

TIETA: – Ricardo, quando tu largou o seminário tu não tava seguindo o impulso? Se tu tivesse continuado naquela vida tava até hoje infeliz. Então, cada um tem seu próprio impulso. Tem é que respeitar a liberdade dos outros, senão, quem vai respeitar a tua?

TIETA: – Tô, tô porque eu sou tua tia, tu é meu sobrinho, a gente se ama escondido, porque os outros não aceitam nosso tipo de amor. Se essa cidade inteira soubesse, ia nos condenar do mesmo jeito que condenam Ninete. E tu acha que no nosso caso eles iam estar certos?

TIETA: – Então, Cado, por que tu quer que condene Ninete? Tu acha certo condenar Ninete? Abra um pouco seu coração e aceite as pessoas como

elas são, aí, eles vão te aceitar como tu é. E não me venha com esse papo que tu é normal, porque normal ninguém é. No fundo, no fundo, todo mundo tem um segredozinho escondido, um pecado, uma mania, uma tara, sei lá. Quem não tem vontade de mandar tudo se explodir e seguir o seu impulso, mas não faz. Não faz porque tem medo do que o povo vai dizer. Aí vive reprimido, vive infeliz, como tu vivia antes de aceitar o nosso amor.

TIETA: – Gente, é só pra isso que sexo serve? Pra multiplicar? Então a gente vai pra cama só pra reproduzir? É isso, Cardo? Não vai pra ter prazer? Cada um que encontre sua maneira de ter prazer, de amar, de viver. Só porque não é igual a tua maneira, tu vai achar que tá errada? Se tu não entende, tu julga, vai julgar e vai condenar? Abra o seu coração, a sua cabeça.

TIETA: – Ah, cabrito! Pense, pense bastante. E não tenha medo nenhum de voltar atrás, de se arrepende. Muito pelo contrário, é sinal de coragem. (PADIGLIONE, 2017) (texto adaptado)

Diferentemente de seu sobrinho Ricardo, tomado por afirmações e verdades absolutas, Tieta se coloca no papel crítico de questionar as normas que Ricardo acredita como únicas. Isto pode ser observado pelo tanto de perguntas feitas pela personagem ao sobrinho, pois o ato de questionar, refletir, leva o indivíduo a se conscientizar da situação de dominação, no qual o dominado e o dominador compartilham a sensação de normalidade, verificando os diferentes discursos carregados de representações de poder e ideologia, e a também buscar a superação desta situação, lutando contra os fatores que determinam a desvantagem social (Cf. BATISTA JÚNIOR; SATO; MELO, 2018). Agora, tendo observado a personalidade questionadora da personagem Tieta, nesta cena, pode-se destacar quais foram os discursos e os argumentos apresentados por ela na conversa com seu sobrinho, tentando convencê-lo de seu erro.

Primeiramente, ela aborda o discurso religioso, ao questionar sobre a lei que Ricardo tanto defendia. Por sinal, largou o seminário – curso voltado à formação de padres – como Tieta diz, e afirma que se não tivesse feito isto por impulso ele estaria infeliz. Além disso, ele vive um relacionamento incestuoso com sua tia Tieta, algo totalmente proibido, de acordo com os preceitos bíblicos, como é afirmado no cânone católico (Cf. MARCELO, 2016), assim como Ricardo condena Ninete, por ser uma pessoa trans. Entretanto, há uma contradição, uma duplicidade em sua fala, que Tieta deixa claro, perguntando o porquê de ele condenar Ninete e não classificar o ato dele como pecado, demonstrando a hipocrisia de julgar alguém e não se julgar. Em consonância com isso, tem-se a segunda abordagem de Tieta: o discurso feminista.

O discurso hipócrita de Ricardo não é algo defendido de forma única e exclusivamente por ele. Trata-se de um discurso de hegemonia do patriarcado. Rita Von Hunty (2019), em seu vídeo sobre a Bíblia, apresenta, por meio de algumas passagens bíblicas, como a figura da mulher é desvalorizada, sendo considerada inferior ao homem, comparada como escrava e desprivilegiada de alguns direitos, como o de exercer a função de ensinar. Isso é devido ao contexto em que a Bíblia foi produzida, no qual não era questionado o discurso patriarcal, por ser o reflexo da sociedade daquela época. Contudo, é necessário ficar atento e notar a permanência desse tipo de discurso até hoje.

É destacado no livro *Diferentes, não desiguais* (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016, p. 29-31) que, no final do século XVIII, durante o período da Revolução Francesa, surge a primeira fase do movimento feminista, em busca de direitos iguais, através de Olympe de Gouges e Mary Wollstonecraft; e somente nas décadas dos anos 1960-1970, deu-se início ao questionamento do papel de gênero na sociedade – segunda fase do movimento feminista –, tendo como expoente, Simone de Beauvoir – autora do livro *Segundo Sexo* – reconhecida por afirmar que não se nasce mulher, torna-se; questionando as visões convencionais sobre sexo e gênero e refutando a ideia da biologia determinar o comportamento dos indivíduos. Isso está em concordância com as defesas de Tieta, ao discordar com os padrões de comportamento defendidos por Ricardo, como o ato sexual, servindo somente para gerar filhos. Esse argumento abre espaço para se debater temas como a escolha da mulher em ser mãe – discurso imposto pelo patriarcado – e o direito ao aborto.

Já a terceira fase do movimento feminista, que teve início na década de 1990, chamada de teoria *queer* – tendo Judith Butler como expoente –, apresenta-se como forma de contestar os próprios processos de normalização de gênero, vistos como restritivos e excludentes, principalmente, para quem não se enquadra nas expectativas criadas socialmente para o feminino e masculino; abordando o cruzamento do gênero com outros tipos de desigualdade – raça, orientação sexual e classe social (Cf. LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016). Neste período, a pauta feminista e o movimento LGBTQI+ interligaram-se pelo mesmo problema – questão de gênero – e pelo mesmo propósito – busca por respeito e direitos.

A isso está relacionada a terceira abordagem de Tieta: o discurso de gênero e sexualidade. Ninete era uma travesti – parte integrante do movimento LGBTQI+ –, indo contra tudo aquilo que a ideologia patriar-

cal defende: o homem é superior através de sua masculinidade viril, tendo atração afetivo-sexual somente por mulher. Por esta razão, Boaventura Santos atualiza o termo desta espécie de dominação para heteropatriarcado (Cf. SANTOS, 2019), pois retrata melhor a identidade dominante do homem macho, branco, europeu, cisgênero, heterossexual, burguês e cristão. Devido à herança histórica da ideologia patriarcal, com apoio do dogma do fundamentalismo cristão, a violência com pessoas do movimento LGBTQI+ é justificada pela mesma razão da violência com a mulher: ambos agindo, de algum modo, com o que não estão de acordo com a norma de “boa conduta”, com o ideal imposto por esta ideologia estrutural e normatizada. Ou seja, o ato de incesto do Ricardo é considerado um deslize, pois não fere o ideal masculino, mas por não estar dentro da conduta esperada, ferindo o ideal da masculinidade, Ninete é acusada, julgada e condenada.

Esse fenômeno no qual a identidade vigente e dominadora da sociedade – homem macho, branco, europeu, cisgênero, heterossexual, burguês e cristão – sente-se abalada, ameaçada, em crise, ao sentir o risco de perder sua hegemonia, seu poder, sua dominação, está relacionado ao confronto à masculinidade frágil. Inclusive, tais argumentos convergem, de alguma maneira, para a obra de Engels (1884) – *A origem da família, da Propriedade Privada e do Estado* – na qual desenha um pouco esta relação de poder e analisa os modos de organização da vida social. Por essa razão, ao perceber o modo como Ricardo ficou abalado e confuso por sua identidade e pensamento terem sido questionados, Tieta afirma que se arrepender, mudar de ideia, não é errado, mas é sim um ato de coragem, pois envolve ir contra toda a ideologia estrutural imposta pelo imaginário dominante, ao senso comum da sociedade.

Por sinal, uma das primeiras afirmativas de Tieta neste diálogo – “Mas é tudo o que, cabrito? Me diga. Fale de uma vez! A censura já acabou!” –, possui grande importância para a compreensão do contexto histórico desta obra, pois em 1985 foi o término da ditadura militar – por volta de quatro anos antes de ser transmitido a novela Tieta, em 1989. O período da ditadura foi conhecido pelo seu discurso de censura “a favor do povo e dos bons costumes”. Dessa forma, o silenciamento era uma prática comum neste período do golpe de 1964. Logo, pedir para falar algo sem timidez, sem receio, pois a censura já havia acabado, demonstra a insatisfação com a censura e o golpe e, ao mesmo tempo, valorizar o retorno do direito de falar publicamente sobre qualquer assunto, com o término do regime do golpe militar.

Entretanto, antes de dar prosseguimento, é necessário também problematizar o discurso de Tieta, pois o intuito de fazer uma análise crítica não é apenas estabelecer “o certo e o errado”, mas investigar tudo o que está sendo exposto e de que forma. Observou-se, até o momento, um posicionamento de Tieta contrário ao de Ricardo, porém, conforme Helder Maia (2009) explica, as falas dela – assim como de outros personagens que não estão nesta cena analisada – são insossas, por pautar apenas uma tolerância particular: o que Maia chama de “discursos de tolerância interessada”, sempre motivados por questões particulares. Além do fato de Tieta não defender a Ninete, falando sobre o problema do preconceito, apela para o discurso religioso, de certo modo, dentro da lógica do pecado, equiparando a travesti com a *incestualidade*.

Ao considerar, então, que as ações dos personagens são definidas pelos autores da novela, Helder Maia (2009) aponta que o modo como eles abordam o tema é dúbio, carregado de estereótipos, chegando a ligar a imagem da travesti com a prostituição e não promovendo de fato um discurso de tolerância. Isso abre precedente para questionar se, após anos deste tema ser amplamente debatido em diversos espaços, haveria lugar para este tipo de discurso na atualidade e se este seria bem visto. Contudo, diante de dados que apontam para o fato do Brasil ser o país onde mais mata pessoas trans e, ao mesmo tempo, onde mais consome pornografia trans nas plataformas de conteúdo adulto (BENEVIDES, 2020/2022; MINUANO, 2021), subentende-se a reposta do questionamento proposto. Justifica-se, assim, a necessidade de trazer este tema tão atual para a sala de aula, por não ser apenas uma questão de debate, mas sim uma questão de respeito, tolerância e preservação destas vidas. Vidas trans e travestis importam e merecem respeito.

## **6. Análise crítico-discursiva como prática pedagógica**

Trabalhar com novelas em sala de aula não é um desafio, mas sim um campo aberto de possibilidades. Com elas, podem-se problematizar temas e falas dos personagens, verificando o vínculo com a ficção e a presença da verossimilhança, ou direcionar a atenção para além do conteúdo, analisando criticamente essas produções como um produto midiático e televisivo, apresentado em blocos, com presença de propagandas nos intervalos, e formatos distintos em cada horário (Cf. EDUCAÇÃO INTEGRAL, 2015).

Dito isso, a partir da análise exposta, é perceptível enxergar todos os discursos hegemônicos inseridos no diálogo entre Tieta e Ricardo, abordando as questões de religião, de gênero e de sexualidade. Com isto, é possível trazer tal prática para a sala de aula no Ensino Médio. Contudo, não se pode abordar isso simplesmente como uma questão de tolerância e respeito para com a diversidade cultural, por mais edificante e desejável que possa parecer esse sentimento, pois impede de enxergar a identidade e a diferença como processos de produção social, envolvendo relações de poder (Cf. SILVA, 2000).

Como é defendido pela ADC, a maneira mais aceitável para aplicar este tipo de análise em sala de aula é levar o estudante a questionar, refletir, identificar um problema na prática social nos discursos, para que assim se conscientize da situação de dominação na qual o dominado e o dominador compartilham a sensação de normalidade, verificando os diferentes discursos carregados de representações de poder e de ideologia, e também busque a superação desta situação, lutando contra os fatores que determinam a desvantagem social (Cf. BATISTA JÚNIOR; SATO; MELO, 2018).

Pela ótica da Base Nacional Comum Curricular (Cf. BRASIL, 2018), pensa-se neste projeto como um plano interdisciplinar, possibilitando diálogo entre as competências de Linguagens e suas Tecnologias e de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Desse modo, propõe-se analisar preconceitos e ideologias presentes nos discursos veiculados nas diferentes mídias, ampliando as possibilidades de interpretação e intervenção crítica da realidade – EM13LGG102 –, enquanto desnaturaliza e problematiza formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, além de identificar diversas formas de violência, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos, promovendo os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais – EM13CHS502 e EM13CHS503.

Tratando-se mais especificamente a Linguagens e suas Tecnologias – por ser um planejamento para a disciplina de língua portuguesa –, esta atividade é oportuna não apenas para o campo mais amplo de atuação social, como também abrange o campo artístico-literário. Neste caso, seria apresentada a obra que inspirou a novela, “Tieta do Agreste”, romance de Jorge Amado, um dos principais autores da “geração de 30” – segunda fase do modernismo brasileiro. Desse modo, o estudante passa a desenvolver sua capacidade crítica de análise e amplia o seu repertório de

leituras, passando a conhecer a obra, o autor e, por consequência, um pouco desta fase do modernismo brasileiro.

Também como contribuição à competência de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas – com foco na filosofia e na sociologia – poderia ser apresentada a importância do teórico e filósofo Friedrich Engels que, em sua obra *A origem da família, da Propriedade Privada e do Estado* (ENGELS, 1884), faz uma análise crítica profunda dos modos de organização da vida social. Além deste, pode-se apresentar outras importantes teóricas sobre a questão de gênero e sexualidade, como: Raewyn Connell – *Gênero em Termos Reais* (2016) –, Judith Butler – *Problemas de gênero* (BUTLER, 2003) –, Guacira Lopes Louro – *O corpo educado* (LOURO, 2018) e Letícia Nascimento – *Transfeminismo* (NASCIMENTO, 2021). Além disso, o uso do material indicado no final do livro *Diferentes, não desiguais* (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016), deve contribuir também para o desenvolvimento da aula.

Dito isso, em suma, a aula consistiria no seguinte desenvolvimento: apresentar a cena; introduzir sobre a novela; mencionar o romance original e expor sobre o movimento literário que envolve o autor da obra; retornar à cena e destacar as frases cabíveis de análise; explicar o que é discurso, ideologia e hegemonia; propor aos estudantes identificarem os discursos hegemônicos presentes nas falas; debater os temas apontados por eles – supostamente as questões de religião, gênero e sexualidade; refletir sobre os aspectos históricos e sociais dos temas; atentar para a representação estereotipada da personagem e falar sobre o movimento trans; encerrar a aula propondo aos estudantes que façam, em casa, uma reflexão, uma resenha a partir das conclusões tiradas sobre todos os assuntos abordados.

## 7. Considerações finais

Tendo em vista o que foi exposto neste artigo, reconhece-se a possibilidade do uso de novelas em análise de discurso, com o intuito de ser aplicado no contexto de sala de aula, promovendo o desenvolvimento dos estudantes em observar, analisar e identificar discursos que reproduzem as relações de poder e dominação. Tem-se como objetivo que essas reflexões não fiquem somente na teoria, mas que a turma aprenda a refletir sobre os problemas sociais e a buscar propostas de intervenção contra estes discursos ideológicos, hegemônicos e preconceituosos.

Em relação à cena, é válido reafirmar a possibilidade da reflexão sobre a questão do gênero e da sexualidade, embora o modo como os autores da novela, segundo Helder Maia (2009), é dúbio, carregado de estereótipos, ligando a imagem da travesti com a prostituição e não promovendo de fato um discurso de tolerância. Ou seja, esta própria dualidade na escrita dos autores é um artifício de desenvolver o pensamento crítico dos estudantes a partir do conteúdo da cena e da própria produção, como foi abordado por Helder Maia (2009).

Evidencia-se, então, como um discurso não se trata apenas da fala expositiva de um orador diante de uma plateia, mas sim de um conjunto de elementos verbais – ou não verbais – que pode possibilitar a produção, a reprodução e a transformação das relações de dominação, por meio dos modos como a ideologia opera, como *fragmentação, unificação, legitimação e universalização*; demonstrando o poder da mídia a serviço de interesses hegemônicos (Cf. VIEIRA; MACEDO, 2018).

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATISTA JÚNIOR, J. R. L.; SATO, D. T. B.; MELO, I. F. *Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas*. São Paulo: Parábola, 2018. (Introdução, p. 7-17)

BENEVIDES, B. Brasil Lidera Consumo de Pornografia Trans no Mundo (e de Assassinatos). *Revista Híbrida*. Publicado em: 11 mai. 2020. Disponível em: <https://revistahibrida.com.br/brasil/o-paradoxo-do-brasil-no-consumo-de-pornografia-e-assassinatos-trans/>. Acesso em: 20 ago. 2022.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Dossiê assassinatos e violências contra travestis e transsexuais brasileiras em 2021*. Brasília: Distrito Drag, ANTRA, 2022. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2022/01/dossiê-antra2022-web.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2022.

BENÍCIO, J. “Se tentarem refazer ‘Tieta’, eu mato”, avisa Aguinaldo Silva. *Blog Sala de TV (Terra)*. Publicado em: 12 jul. 2016. Disponível em: <https://diversao.terra.com.br/tv/blog-sala-de-tv/se-tentarem-refazer-tieta-eu-mato-avisa-aguinaldo-silva,f83443a07df5d14c0344dd2dcf007a5ezwl8dgot.html>. Acesso em: 22 abr. 2021.

BRASIL. Ministério de Educação. *Base Nacional Comum Curricular BNCC*. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec>.

gov.br/images/BNCC\_EI\_EF\_110518\_versaofinal\_site.pdf. Acesso em: 03 mai. 2022.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CONNELL, R. *Gênero Em Termos Reais*. São Paulo: nVersos, 2016.

EDUCAÇÃO INTEGRAL. *Como trabalhar com telenovelas na escola?* Publicado em: 01 abr. 2015. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/metodologias/como-trabalhar-com-telenovelas-na-escola/>. Acesso em: 10 jan. 2022.

ENGELS, F. *A origem da família, da Propriedade Privada e do Estado*. 6.ed. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2020 [1884].

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. 2. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2016 [1992].

GENTILE, Paola. Liguem a TV: vamos estudar! *Nova Escola*. Publicado em: 01 fev. 2006. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1729/liguem-a-tv-vamos-estudar>. Acesso em: 22 abr. 2021.

HUNTY, R. V. Bíblia: A Escritura Sagrada? *Tempero Drag* (YouTube). Publicado em: 21 mai. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bEr4bupz0Yc>. Acesso em: 22 abr. 2021.

LINS, B. A.; MACHADO, B. F.; ESCOURA, M. *Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola*. 1 ed. São Paulo: Reviravolta, 2016. p. 29-33

LOURO, G. L. *O corpo educado: Pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

MAIA, H. Ninete: a trava-madrinha de Tieta do Agreste - A representação da travesti Ninete na telenovela Tieta. *Cult UFBA - Pesquisa - Grupo Cultura e Sexualidade*, 2009. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/Artigos/tieta%20final.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2022.

MARCELO, M. Incesto: quais são os riscos e o que a Igreja diz sobre isso? *Canção Nova*. 2016. Disponível em: <https://formacao.cancaonova.com/igreja/catequese/incesto-quais-sao-os-riscos-e-o-que-a-igreja-diz/>. Acesso em: 29 out. 2019.

MENEZES, L.C. O preconceito está em nós. *Nova Escola*. Publicado em: 01 out. 2008. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/776/o-preconceito-esta-em-nos>. Acesso em: 22 abr. 2021.

MINUANO, C. Brasil é o país que mais mata pessoas trans; 175 foram assassinadas em 2020. *Universa - Uol*. Publicado em: 29 jan. 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/01/29/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-pessoas-trans-175-foram-assassinadas-em-2020.htm>. Acesso em: 20 ago. 2022.

MOTTER, M. A Telenovela: documento histórico e lugar de memória. *Revista USP*: São Paulo, 2000-2001. n. 48, p. 74-87. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i48p74-87>. Acesso em: 22 abr. 2021.

NASCIMENTO, L. *Transfeminismo* (Col. Feminismos Plurais). São Paulo: Jandaíra, 2021.

PADIGLIONE, C. Em cena antológica para 1989, Tieta defende sexualidade de Ninette (Rogéria): hoje, no Viva. *Telepadi*. Publicado em: 06 set. 2017. Disponível em: <https://telepadi.folha.uol.com.br/em-cena-antologica-para-1989-tieta-defende-sexualidade-de-ninette-rogeria-no-capitulo-desta-quarta/>. Acesso em: 22 abr. 2021.

SANTOS, B. S. Descolonizar o saber e o poder. *Carta Maior*. Publicado em: 18 jul. 2019. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/Descolonizar-o-saber-e-o-poder/4/44710>. Acesso em: 28 out. 2019.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T.T. da (Org.); HALL, S.; WOODWARD, K. *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 73-102. Disponível em: [http://www.lite.fe.unicamp.br/papet/2003/ep403/a\\_producao\\_social\\_da.htm](http://www.lite.fe.unicamp.br/papet/2003/ep403/a_producao_social_da.htm). Acesso em: 22 abr. 2021.

VIEIRA, H. *O amor como revolução*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.

VIEIRA, J. A.; MACEDO, D. S. Conceitos-chave em análise de discurso crítica. In: BATISTA JÚNIOR, J.R.L.; SATO, D.T.B.; MELO, I.F. *Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas*. São Paulo: Parábola, 2018. (cap. 3, p. 49-77)